

A OCUPAÇÃO DO LITORAL E SERTÕES DA CAPITANIA DO RIO GRANDE: sesmarias, pecuária e impactos ambientais (séc. XVIII)

Rudyson Darlan Mendes de Oliveira

RESUMO:

Entre 1500 e 1800, o relacionamento entre o homem e a natureza foi redefinido, resultando em uma visão utilitarista do meio ambiente (Keith Thomas, 2010). Jason W. Moore (2022) aponta que a “Natureza Barata” emergiu entre 1450 e 1750, impulsionada pela exploração do Novo Mundo, trazendo transformações ambientais. Warren Dean (1996) destaca que, entre 1700 e 1800, a chegada de 450 mil portugueses ao Brasil intensificou a concessão de sesmarias, com foco na pecuária no Rio Grande do Norte. Essa atividade, embora essencial para o povoamento, é marcada por desmatamento e manipulação ambiental. Usando a plataforma SILB, esta pesquisa busca georreferenciar as sesmarias para entender a ocupação e o impacto ambiental resultantes deste processo de ocupação.

PALAVRAS-CHAVE: sesmarias, impacto ambiental, pecuária, Rio Grande.

OCCUPATION OF THE COAST AND BACKLANDS OF THE CAPTAINSHIP OF RIO GRANDE:

land grants, livestock farming and environmental impacts (18th century)

ABSTRACT:

Between 1500 and 1800, the relationship between humans and nature was redefined, resulting in a utilitarian view of the environment (Keith Thomas, 2010). Jason W. Moore (2022) argues that "Cheap Nature" emerged between 1450 and 1750, driven by the exploitation of the New World, leading to environmental transformations. Warren Dean (2007) highlights that, between 1700 and 1800, the arrival of 450,000 Portuguese settlers in Brazil intensified the granting of land grants (sesmarias), focusing on cattle ranching in Rio Grande do Norte. This activity, while essential for settlement, is marked by deforestation and environmental manipulation. Using the SILB platform, this

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

research aims to georeference the sesmarias to understand the occupation process and its resulting environmental impact.

KEYWORDS: sesmarias, environmental impact, livestock farming, Rio Grande.

Introdução

A relação entre a humanidade e a natureza é marcada por transformações significativas que moldaram tanto os sistemas sociais quanto os ambientais ao longo da história. Desde os primeiros passos da agricultura e da pecuária no período Neolítico, passando pelas grandes mudanças epocais dos séculos XV a XVIII, observa-se uma crescente intervenção humana nos ecossistemas para atender demandas econômicas e culturais. Nesse contexto, o conceito de "Natureza Barata", formulado por Jason W. Moore (2022), e as reflexões de Keith Thomas (2010) sobre a hierarquia entre homens e natureza oferecem subsídios para compreender o impacto dessas transformações, especialmente em regiões coloniais como o Brasil.

Diante disso, esta pesquisa justifica-se pela relevância de compreender as relações entre homem e natureza no contexto da colonização do Rio Grande do Norte, ressaltando como os processos históricos continuam a influenciar a paisagem e a dinâmica ambiental atual. A análise se apoia na plataforma Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (SILB), que fornece dados valiosos para mapear o povoamento e investigar as transformações impostas ao ambiente. Assim, o estudo tem como objetivo geral perceber os impactos ambientais resultantes da ocupação territorial do Rio Grande do Norte no século XVIII, com foco nas sesmarias e na pecuária. Para isso, busca analisar as relações entre homem e natureza no período colonial, evidenciando as dinâmicas de exploração e transformação ambiental, como também examinar o papel das sesmarias na organização territorial da capitania, além dos impactos ambientais da pecuária e mapeamento do processo de povoamento da região, utilizando os dados disponíveis na plataforma SILB para compreender a distribuição espacial das sesmarias e sua conexão com os impactos ambientais.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

A apropriação do mundo natural e a Natureza Barata.

Os primeiros sistemas de cultivo, conforme argumenta Mazoyer e Roudart (2010), surgem no período Neolítico. Assim, há cerca de 10 mil anos, surge na história da vida na Terra uma prática nunca antes vista: a agricultura e a pecuária. Estas, que foram introduzidas na natureza pelos humanos, atribui a eles uma característica que os diferencia de todos os outros animais, que é a prática racional de moldar a natureza a seu favor, aos seus interesses. A partir de então, inicia-se um processo de transição que fará das sociedades nômades e caçadoras-coletoras uma minoria, dando lugar às grandes civilizações constituídas a partir do sedentarismo, da fixação a terra e da dependência cultivo dela, além da domesticação dos animais. Ou seja, o homem produz seu próprio alimento.

Na Antiguidade, há um aumento na produção dos alimentos e o trigo é um dos grandes exemplos desta evolução, sendo cultivado em larga escala no delta do Rio Nilo, na China e também na Mesopotâmia, de acordo com Castanho e Teixeira (2017). Já na Idade Média, conforme acrescenta o autor, desenvolve-se novas técnicas de cultivo que marcará uma evolução em relação ao período anterior: sistema bienal e trienal. Jérôme Baschet (2003), nesse sentido, mostra que durante a Baixa Idade Média, entre os séculos XI e XIII, houve progressos agrícolas em razão das novas técnicas de cultivo. Além disso, a população cresce duas ou três vezes em algumas regiões da Europa e a criação de gado duplica. No entanto, nenhuma dessas mudanças é tão impactante quanto a que houve nos séculos posteriores.

Adotando uma temporalidade um pouco posterior a de Baschet, Jason W. Moore (2022), ao explicar o surgimento o conceito de Natureza Barata, mostra que uma mudança epocal nunca antes vista na história aconteceu entre 1450 e 1750. Esta mudança epocal que o autor aborda ocorreu a partir de 1450, se refere às revoluções agrárias inglesas e holandesas, assim como a “descoberta” de Colombo e a conquista das Américas, sendo elas os grandes sinais da mudança. A partir desses

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

acontecimentos, entre 1450 e 1640, houve uma recriação da visão em relação à terra e o trabalho que possibilitou a ascensão do capitalismo. Surge, assim, a perspectiva da “natureza barata” nos homens da época, que é constituída a partir das grandes transformações do ambiente entre os anos de 1450 e 1750, sendo esta ideia a condição básica para a criação do ambiente capitalista. Nessa perspectiva, Morre (2022) mostra como o conceito da Natureza Barata - entendido como trabalho/energia e utilidade biofísica produzida com força de trabalho mínima e diretamente implicado na produção e troca de mercadorias - foi empregado no decorrer desses 300 anos. A primeira concepção é a de Trabalho Barato, explicada pelo aumento de 1.065% da população escravizada nas Américas entre 1560 e 1710. Além disso, na Europa, de acordo com o autor, os salários caíram até 60% no decorrer do século XVI, como é o caso de Florença.

Ademais, para ilustrar esta mudança epocal, o autor descreve o grande aumento de produção nos mais variados setores. Na imprensa, houve um aumento de 200 vezes entre 1450 e 1500. A tecnologia do moinho impulsionou a produção nas colônias açucareiras. No transporte de mercadorias, houve um aumento 4 vezes, atrelado a um aumento de 3 vezes na construção de navios. No Novo Mundo, o processo de amalgamação com mercúrio impulsionou a produção de prata após 1560. Na Europa, a roda saxônica ajudou a triplicar a produtividade na manufatura têxtil. Nessa perspectiva o autor acrescenta: “o Trabalho Barato e o trabalho produtivo, portanto, precisavam de algo para avançar a lucratividade e acelerar acumulação do capital: energia, comida e matéria-prima Baratas”.

São inúmeras as formas como o mundo estava sendo racionalizado para se adequar a crescente acumulação de riqueza no período em questão. Uma delas são as revoluções agrícolas que, a exemplo da Inglaterra, fizeram com que as exportações dos ingleses aumentassem em 511% entre 1700 e 1753. O caso da revolução em mineração e metalurgia também contribuíram para o processo: no Velho Continente atingiu o apogeu em 1470 na europa, enquanto na América, com

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

a amalgamação com mercúrio, as minas de Potosí se destacam. Elas - que constituíram-se como o principal centro produtor de prata em toda a América durante o período colonial - são, nesse contexto, o grande exemplo da exploração ocorrida a níveis sem precedentes: entre 1575 e 1590, com ajuda das *mitas*, a produção de prata aumentou 600%, o que ajudou a acabar com a crise fiscal da Espanha e fomentou a ascensão do capitalismo holandês. Ademais, tem-se a Grande Caçada, que foi responsável pelo lançamento cada vez maior de frotas cada vez maiores de embarcações de pesca de arenques, bacalhaus e baleias “que devoraram fontes de proteína marítima do Atlântico Norte”. Além dessa invasão dos mares, a busca transcontinental por peles na Sibéria e na América do Norte ajudou a expandir o mercado de peles.

Entretanto, talvez a grande mudança no período estudado por Moore (2022) seja a crescente aceleração do desmatamento, que foi praticado em uma escala jamais vista na história da vida na Terra até então. A exemplo, disso tem-se o caso da potassa, usada para branquear tecido, que no final do século XVI necessitava de um desmatamento de 12 mil hectares anualmente para atender as importações inglesas, mas em 1630 a cidade de Danzig precisava desmatar cerca de 135 mil hectares por ano, somente nesta década, para atender a necessidade inglesa. O cercamento de terras e as *plantations* de açúcar nas Américas só piorou a situação. Nesse sentido, o autor declara:

o Nordeste brasileiro já destronara, de qualquer forma, São Tomé do topo da economia mundial do açúcar em 1570. A explosão no cultivo açucareiro no país levou à primeira grande onda de desmatamento da Mata Atlântica brasileira, que ocorreu em um ritmo sem precedentes. Numa era em que o crescimento da produção agrícola pode tipicamente ser medido em frações de pontos percentuais, a produção brasileira de açúcar cresceu 3% em todos os anos entre 1570 e 1640 ... no Nordeste do Brasil, durante o auge do açúcar na década de 1650, doze mil hectares de floresta seriam derrubadas em um único ano (MOORE, 2022, p.138).

A crescente produção entre 1450 e 1750 foi, então, acentuada com a conquista do Novo Mundo. No Brasil, o desmatamento da Mata Atlântica é um

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

grande exemplo dessa mudança na paisagem. Além de Moore (2022) - que argumenta que a Mata Atlântica brasileira foi desmatada em escala cinco a dez vezes maior do que qualquer coisa vista na Europa Medieval -, Warren Dean (1996) também discute acerca de como essa floresta foi vítima do processo de exploração em larga escala que chegou às terras brasileiras. Sob essa perspectiva, ele mostra como, apenas com as demandas do cultivo de açúcar e de madeira para queima exigiram o desmatamento de cinco mil quilômetros quadrados de floresta até 1650. Esse processo de desflorestação é abordado na obra de Gilberto Freyre (2004, p.69), sendo elucidado no seguinte trecho:

Sabe-se o que era a mata do Nordeste, antes da monocultura da cana: um arvoredo 'tanto e tamanho e tão basto e de tantas prumagens que não podia homem dar conta'. O canavial desvirginou todo esse mato grosso do modo mais cru: pela queimada. [...] Só a cana devia rebentar gorda e triunfante do meio de toda essa ruína de vegetação virgem e de vida nativa esmagada pelo monocultor.

Keith Thomas (2010), ao adotar um temporalidade semelhante (1500-1800) a empregada nos estudos de Jason Moore, traz um fator de extrema relevância que ajuda a entender essa mudança epocal, ocorrida entre o final do Medieval e início do Antigo Regime, tanto quanto os dados quantificados do processo: a mentalidade. Nessa perspectiva, o intelectual britânico disserta acerca de como, ao longo dos séculos XVI a XVIII, a visão que os seres humanos tinham o direito e a obrigação de dominar e explorar a natureza se consolidou. Conforme ele explica, entre 1500 e 1800, de alguma forma os homens perceberam e classificaram o mundo ao seu redor de maneira diferente, deixando alguns dogmas para trás. Em outras palavras, o relacionamento entre homens e animais foi redefinido. Nesse sentido, o historiador diz: “o predomínio do homem sobre o mundo animal e vegetal foi, e é, afinal de contas, uma precondição básica da história humana”.

Para justificar essa dominação apontada pelo historiador inglês, os teólogos e intelectuais recorreram aos filósofos clássicos e à Bíblia. Isso porque, nos escritos antigos de Aristóteles e estoicos, encontrava-se a ideia de que o mundo fora criado

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

para atender as necessidades humanas. Já na narrativa bíblica de criação do mundo presente em Gênesis, encontrava-se a ideia de que o Senhor presenteou os humanos com o direito de domínio sobre o mundo natural. Essa narrativa, mostra Thomas (2010, p.22), foi apropriada pelos homens para explorar o mundo e está presente no seguinte trecho de Gênesis (IV, 2-3): “temam e tremam em vossa presença todos os animais da terra, todas as aves do céu, e tudo o que tem vida e movimento na terra. Em vossas mãos pus todos os peixes do mar. Sustentai-vos de tudo o que tem vida e movimento,” Ou seja, os homens seriam carnívoros e os demais animais poderiam ser abatidos e explorados legitimamente. Ademais, o autor afirma que a função dos animais seria, nesse contexto de dominação, prático, moral ou estético. A criação de gado, por exemplo, tem uma função prática: servir ao homem com sua carne, leite, couro, energia.

Além disso, o intelectual examina as práticas agrícolas e a domesticação de animais e plantas, destacando como essas atividades refletem a crença no direito humano de transformar a natureza para atender às suas necessidades. Nesse sentido, Thomas (2010, p.31) afirma: “a civilização humana é sinônimo de conquista da natureza”. Isso porque os humanos sempre dependeram do mundo natural, seja dependência de recursos naturais, de trabalho, de alimento, de vestuário ou transporte. O grande exemplo que o autor trás é a da civilização medieval: não existiria sem o boi e o cavalo.

A ocupação da capitania do Rio Grande e a mudança na paisagem

Caio Prado Júnior (2011), ao discutir o sentido da colonização do Brasil, afirmou que existe uma relação entre o comércio europeu e a colonização nas américas. O Brasil, para o historiador brasileiro, é uma colônia de exploração e, por isso, a essência da formação do Brasil é a de fornecer açúcar, tabaco, ouro, diamante, algodão e café. Isto é, a colonização do Brasil é um capítulo da história da expansão do comércio europeu. Embora seja um equívoco afirmar que as colônias dos

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

trópicos desenvolveram-se somente sob o objetivo de exploração do homem branco, é também um erro negligenciar a ideia de que o pensamento explorador tenha ditado o sentido da colonização em alguma medida. Em outras palavras, o Brasil e, também, a capitania do Rio Grande, não constituíram-se somente a partir de uma perspectiva predatória e exploratória por parte do homem branco, mas os pensamentos e ações que fomentaram a acumulação de capital no Velho Continente ajudam a elucidar o processo de ocupação e mudança de paisagem no Novo Mundo.

Nesse sentido, a ocupação do território da capitania do Rio Grande no século XVIII não pode ser dissociada das transformações globais que estavam ocorrendo nos três séculos antecessores. Isso porque o conceito de Natureza Barata de Jason Moore (2022) - que surge a partir de uma relação de poder, capital e natureza - e a relação hierárquica entre o homem e o mundo natural apontada por Keith Thomas (2010) são de suma importância para compreender como ocorreu a ocupação do território e a mudança na paisagem potiguar, uma vez ambas ideias contribuíram para a constituição do pensamento e prática colonialista e exploratória na capitania. Portanto, estas obras que discutem a expansão deste processo de apropriação da natureza ajudam a compreender, a partir do estudo da doação de sesmarias e da introdução da pecuária, como ocorreu a ocupação do litoral e sertões da capitania do Rio Grande no século XVIII e seus impactos ambientais.

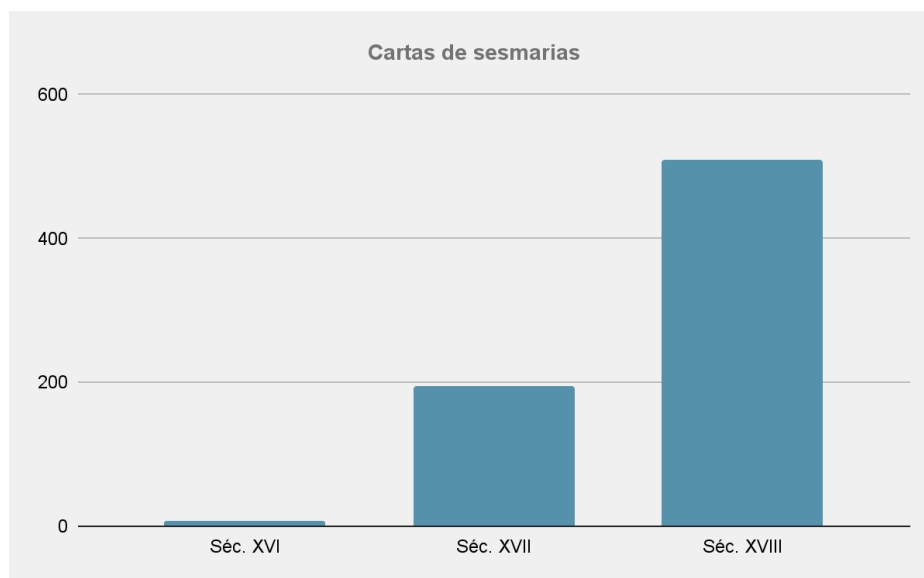
A chegada em grande número de portugueses ao território tupiniquim ajuda a compreender esse processo de ocupação da capitania do Rio Grande. De acordo com Warren Dean (1996), entre 1700 e 1800 chegaram ao Brasil cerca de 450 mil portugueses para povoar e explorar. Esse grande fluxo populacional, conforme afirma o autor, causou mudanças agrárias significativas no território brasileiro: intensificou a doação de sesmarias. A partir da análise de cartas de sesmarias presente na plataforma de Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (SILB), é possível observar esse fenômeno de aumento de petição e doação de sesmarias na capitania do Rio Grande: no século XVI, existem o registro de apenas 7 cartas; no século

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

XVII, há um aumento significativo; no século XVIII, o número de cartas aumenta duas vezes em relação ao século anterior (Figura 1).

Figura 1 - Cartas de sesmarias na capitania do Rio Grande



Fonte: Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (SILB)

Até 1713, conforme afirma Dean (1996), Pernambuco, Bahia e Sergipe já tinham descoberto ouro. Essas duas primeiras também foram grandes produtoras de açúcar. A capitania do Rio Grande, entretanto, apresentou um destaque marcante em sua economia colonial: ao contrário de outras capitanias, que se destacaram pela produção de açúcar, ouro ou prata, sua atividade econômica principal foi a pecuária. Outras atividades, claro, fomentaram a economia local, como a pesca e a cana de açúcar: a primeira era uma atividade praticada para abastecimento próprio, enquanto a segunda nunca chegou a ser uma atividade primordial para economia, em razão do solo potiguar, sendo utilizada principalmente para a produção de bebidas. A pecuária foi, então, a prática mais importante para a economia da capitania, além de ser muito importante para o processo de ocupação desta. Essa prática de criar animais para obtenção de couro, carne, leite e queijo, foi um fenômeno que ganhou forças no decorrer dos séculos XVII. Parte da crescente nos números de cartas de

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

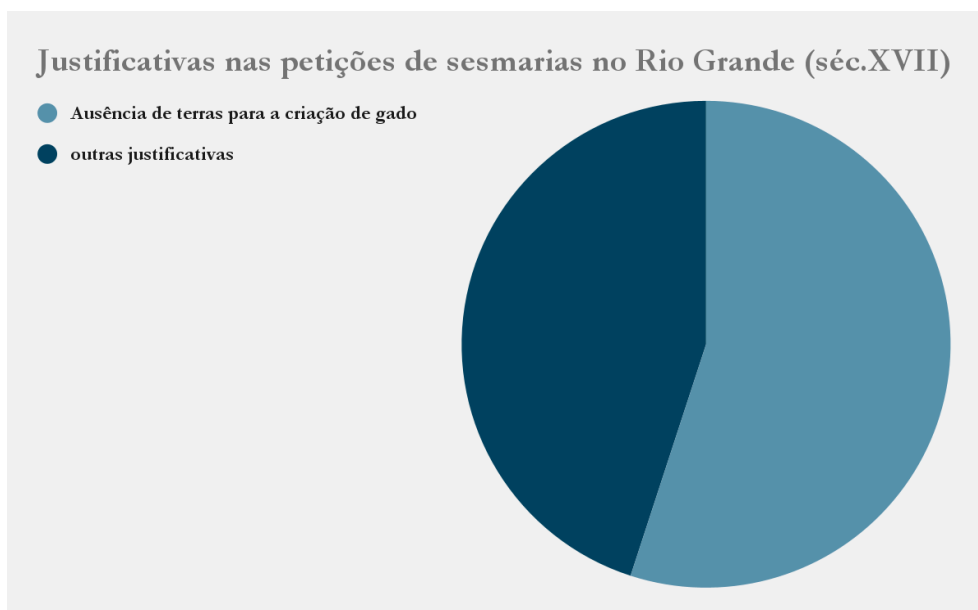
sesmaria no decorrer dos setecentos deve-se à expansão da pecuária - atividade que exigia vastas extensões de terra para o pastoreio do gado -, o que fomentou a distribuição de sesmarias como uma estratégia de ocupação territorial. Esse processo foi impulsionado pelo objetivo de consolidar a presença portuguesa no interior do território, além de servir como base econômica e ajudando no avanço das fronteiras agrícolas, ao mesmo tempo em que contribuiu para a exploração intensiva dos recursos naturais e para o desmatamento em larga escala.

As sesmarias, portanto, foram fundamentais para estruturar essa atividade, para garantir aos colonos o acesso às terras, ainda que muitas vezes em detrimento das populações indígenas e dos ecossistemas locais. Nas sesmarias da capitania do Rio Grande, durante o século XVIII, a principal justificativa para obtenção de terras era a ausência de terras para a criação de gado. Ou seja, os indivíduos possuíam uma certa quantidade de gado, mas não tinham terras para os poder criar e, assim, não tinha condições de continuar o processo de exploração e povoamento. Recorriam, então, a Coroa Portuguesa, com objetivos de ganharem terras e as tornarem úteis para a roda da economia. Logo, é possível observar a relação desse fenômeno de concessão de terras e criação por meio das justificativas nas petições e concessões de sesmarias (figura 2).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 2 - justificativas nas petições de sesmarias no Rio Grande (séc.XVII)



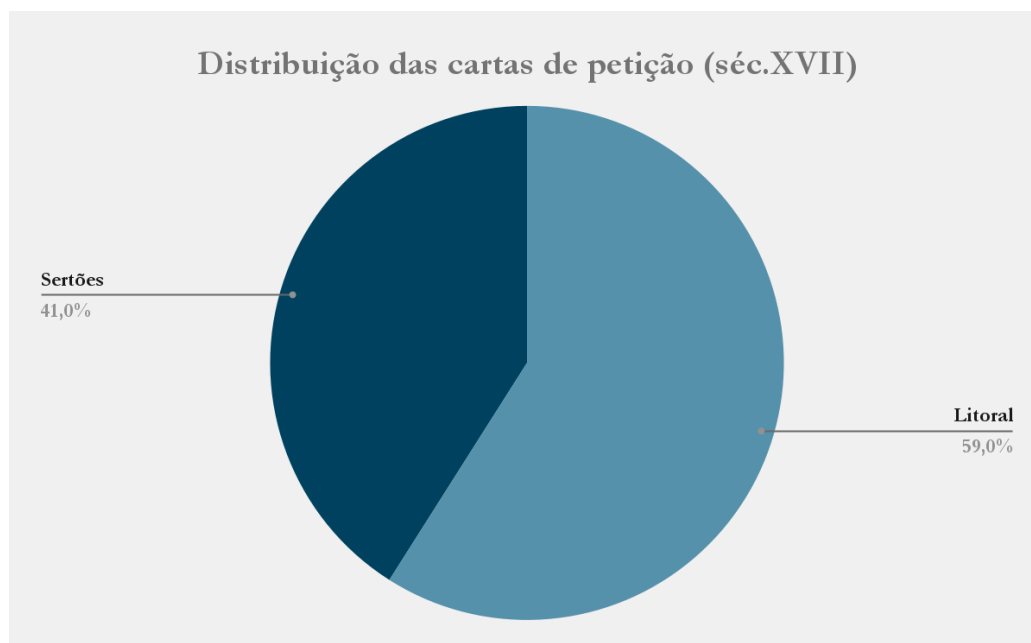
Fonte: Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (SILB)

Esse fenômeno de doação em larga escala na capitania do Rio Grande contribuiu para a ocupação não só do litoral, mas também dos sertões da capitania. Isso porque, ao analisar as cartas de sesmarias da capitania em questão, é possível constatar que houve um aumento também na doação de cartas para além do litoral, algo que não ocorreu de forma relevante em séculos anteriores ao XVIII. Dessa forma, com o gado como caarro chefe para a interiorização do povoamento, ribeiras como a do Apodi, a do Assú, a de Mossoró e a de Paneminha, passaram a ser receber um fluxo maior de pessoas, gados e, conseqüentemente, sesmarias (Figura 3).

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

Figura 3 - distribuição das cartas de petição na capitania do Rio Grande (séc.XVII)



Fonte: Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (SILB)

Os impactos na paisagem decorrentes deste processo são inúmeros, todavia os principais são: pecuária itinerante, queimadas, desmatamento, redução da biodiversidade e compactação do solo. Warren Dean (1996), nesse sentido, afirma que a pecuária itinerante ocorria em razão da grande doação de sesmarias. Ou seja, um criador de gado, após explorar uma área de terra, fazia uma nova petição de sesmaria e, normalmente, ganhava novas léguas para dar continuidade ao processo da pecuária extensiva. Esse processo de itinerância, por sua vez, gerava uma redução na biodiversidade potiguar. Isso porque, ao desmatar e queimar florestas para a formação de campos de pastagem para o gado, os animais e árvores que constituíam uma biodiversidade rica de um determinado local, somem e dão lugar a praticamente dois seres vivos: gado e capim. Por fim, com o grande movimento das boiadas a procura de novos pastos, ocorria a compactação do solo: ao ser pisoteado, o solo compacta-se, o que dificulta a penetração das raízes, reduzindo a absorção de água e nutrientes, além de contribuir para a erosão hídrica - quando o solo não

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

retêm a água. Tais práticas refletem a lógica predatória da economia colonial, focada na exploração intensiva dos recursos naturais, sem considerar os impactos ecológicos e a sustentabilidade a longo prazo.

Considerações Finais

A análise da ocupação do território do Rio Grande do Norte durante o século XVIII revela um complexo processo de exploração e transformação ambiental que se entrelaça com as dinâmicas globais e os conceitos de “Natureza Barata” e a hierarquia entre homem e natureza. Ao abordar a relação entre sesmarias e pecuária, torna-se evidente como as práticas coloniais impactaram profundamente o ecossistema local, sendo acompanhadas de um significativo desmatamento e mudanças no uso da terra. A concessão de terras, impulsionada pela necessidade de ampliar as áreas de pastagem para o gado, tornou-se uma ferramenta essencial para consolidar a presença portuguesa na capitania e expandir a fronteira agrícola para os sertões da capitania.

Ademais, a chegada maciça de colonos portugueses e a intensificação da pecuária foram fatores determinantes para a transformação do território, que, até então, era predominantemente ocupado por vegetação nativa. As petições de sesmarias, em seu maior volume no século XVIII, revelam não apenas a expansão da atividade agropecuária, mas também o crescente impacto ambiental da colonização, caracterizado pela destruição e a alteração das paisagens naturais. Além disso, o uso do conceito de “Natureza Barata”, defendido por Moore, ajuda a compreender como as relações de poder e exploração da natureza se alinharam com o objetivo de maximizar a produção e a acumulação de riqueza, com efeitos diretos sobre os ecossistemas locais.

Fica claro, portanto, que a colonização da capitania do Rio Grande no século XVIII não pode ser dissociada dos processos globais que marcaram a expansão do capitalismo e a transformação do meio ambiente. Isso porque a ocupação territorial

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade

e o aumento da pecuária não só estruturaram a economia local, mas também perpetuaram uma relação exploratória com a natureza, cujos impactos permanecem visíveis na paisagem e no uso do solo até os dias atuais. Por isso, compreender esses processos históricos é fundamental para refletir sobre os legados ambientais da colonização e as dinâmicas de exploração que moldaram a região.

REFERENCIAIS

BASCHET, Gérôme. **Uma civilização feudal**. Tradução de Maria da Silva Costa. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

CASTANHO, Roberto Barboza. **A evolução da agricultura no mundo**: da gênese até os dias atuais. *Brazilian Geographical Journal: Geosciences and Humanities Research Medium*, Ituiutaba, v. 8, n. 1, p. 136-146, jan./jun. 2017.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. São Paulo: Global, 2004.

MAZOYER, M.; ROUDART, L. **História das agriculturas no mundo**: do neolítico à crise contemporânea. São Paulo: UNESP, 2010.

MOORE, Jason W. O surgimento da Natureza Barata. In: MOORE, Jason W. (org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo. São Paulo: Elefante, 2022.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**: colônia. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 446 p. [Introdução e 1º capítulo: “O sentido da colonização”].

PLATAFORMA SILB. Sesmarias do Império Luso-Brasileiro (séculos XIV - XIX). Disponível em: <<http://plataformasilb.cchla.ufrn.br/>>. Acesso em: 15 out. 2024.

THOMAS, Keith. O predomínio humano. In: **O homem e o mundo natural**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ANPUH-RN, 20 ANOS DE HISTÓRIA:

desafios ao ofício do(a) historiador(a) na contemporaneidade